

1ª Mostra de Filmes Etnográficos - Sinopses

Segunda- dia 18

20h - Do São Francisco ao Pinheiros

Paula Morgado e João Claúdio de Sena

(70 minutos, 2007)

Os índios Pankararu, originários da aldeia Brejo dos padres, próxima ao Rio São Francisco (PE), começaram a migrar para São Paulo a partir de 1950, fugidos da seca, da fome e dos conflitos com posseiros de terra. Cerca de 500 deles se fixaram na favela do Real Parque, próxima ao rio Pinheiros, em busca de uma nova vida. O documentário é um caleidoscópio da visão Pankararu acerca desta viagem que não tem fim.

21h30 - Maria Lacerda de Moura – Trajetória de uma Rebelde

Ana Lúcia Ferraz e Míriam Moreira Leite

(33 minutos)

A biografia de Maria Lacerda de Moura, professora mineira, que lutou pela liberdade de pensamento, contra todas as formas de autoritarismo e discutiu em seus livros a repressão feminina pela família e pela igreja e a guerra suicida realizada pelo Estado.

22h - Engenho Prado

Acampamento Chico Mendes 2, Centro Josué de Castro, CPT, Telephone

Colorido

(33 minutos)

300 famílias que ocupavam há sete anos uma área improdutiva e abandonada há mais de 20, são sumariamente expulsas dessas terras pela associação do Grupo empresarial João Santos com segmentos do poder público local, estadual, federal e mundial.

22h30 - Apapaatai

Aristóteles Barcelos neto

(17 minutos)

Apapaatai apresenta uma visão xamânica do mundo dos espíritos dos índios Wauja do Alto Xingu. Como raptadores de almas humanas, os Apapaatai são os principais causadores das doenças. Porém, quando festejados em rituais de máscaras, flautas e clarinetes, os Apapaatai podem curar e proteger. Eles são a “vacina” dos Wauja, a força do corpo alguém.

Terça – dia 19

20h - Ponteio – Jogaram a viola no mundo, mas fui no fundo buscar

Francisco Simões Paes e Camilo Vannuchi

(54 minutos, 2001)

Trazida de Portugal em meados do século XVI, a viola foi logo assimilada pelo homem do campo no Brasil. Hoje, é tocada pelos sertanejos e também se espalha pelos grandes centros urbanos, reinventada por músicos modernos e eruditos. Em uma viagem pelo interior de SP e MG, o vídeo apresenta os diferentes modelos de viola, suas afinações, construção, religiosidade, receitas de pacto com o diabo, mitos e novas possibilidades musicais.

21h - A Letra e o Muro

Lucas Frete

(33 minutos, 2002)

Este documentário sobre as pichações em São Paulo procura desvendar o que normalmente é tido como mera sujeira e vandalismo. Por trás dos rabiscos espalhados por toda a cidade existe uma imensa rede de sociabilidade envolvendo jovens de diferentes periferias. A pichação, além de um complexo

mecanismo de comunicação, é também uma forma de expressar a revolta e a indignação com a falta de perspectiva do jovem pobre.

21h30 - Cinema de quebrada

(Rose Satiko Hikiji)

(47 minutos, 2008)

Jovens moradores da periferia de São Paulo apresentam o cinema como meio de expressão e de reflexão. Nas quebradas, fazem e exibem vídeos, questionando as representações midiáticas da periferia construindo novas imagens a partir de suas experiências.

22h30 - O Arco e A lira

Priscila Ermel

(18 minutos, 2002)

Documentário trata da arte musical do arquinho feminino iridinam, tocado exclusivamente pelas mulheres da aldeia dos índios Gavião Ikolem para expressar seus sentimentos amorosos. Num complexo sonoro em que a palavra, a entonação, a melodia e os timbres se misturam, a música aparentemente instrumental realizada pelas mulheres contém palavras entoadas no discurso sonoro produzido pelos arquinhos iridinam.

Quarta – dia 20

20h - Terra deu, Terra come

Rodrigo Siqueira e Pedro Alexina

(88 minutos, 2010)

Em “Terra deu, Terra Come” não se sabe o que é fato e o que é representação, o que é verdade e o que é um conto, documentário ou ficção, o que é cinema e o que é vida, o que é africano e o que é mineiro, brasileiro. Pedro de Almeida, garimpeiro de 81 anos de idade, comanda como mestre de cerimônias o

velório, o cortejo fúnebre e o enterro de João Batista, que morreu com 120 anos. O ritual sucede-se no quilombo Quartel do Indaía, distrito de Diamantina, Minas Gerais. Ao conduzir o funeral, Pedro desfia histórias carregadas de poesia e significados metafísicos, que nos põem em dúvida o tempo inteiro. A atuação de Pedro e seus familiares frente à câmera nos provoca pela sua dramaturgia espontânea, uma “auto-mise-em-scène” instigante.

21h30 - O canto das Canoas

Priscila Ermel

(25 minutos, 2006)

O canto das Canoas revela, sob o olhar de seu Ditinho, mestre canoeiro da Ilha das Cobras – Paraty (SP), a tradição da ciranda, performance que reúne em versos, cantos e danças, a essência do ser caiçara.

22h - Pequena História Visual da Violência

Paulo Menezes

(20 minutos, 2001)

Este vídeo propõe um discurso crítico a respeito do que se pode conceber visualmente como violência, colocando em questão suas dimensões sociais e seus fundamentos, sejam eles religiosos, morais, políticos, formais, éticos, sexuais ou étnicos. Elabora um discurso visual e cinematográfico a partir da composição de movimentos e de detalhes de imagens da pintura desde o século XV e da fotografia desde o XIX, chegando até o ano de 2000.

22h30 - Em (si) mesma

Andréa Barbosa

(24 minutos, 2006)

Michele e Dalva são pacientes em desinternação progressiva do Manicômio Judiciário de Franco da Rocha. Margarida é psicóloga na mesma instituição.

Três mulheres ligadas pela fotografia, instrumento que selam uma relação de respeito e desejo pela vida.